



JACYRA EXPÕE EM CAMPINAS

Na quinta-feira, 20 do corrente, inaugurava-se, em Campinas, no Banco Europeu para a América Latina, uma exposição de cerca de trinta quadros da pintora Jacyra, paulista radicada no Rio de Janeiro, e de quem os paulistas até agora ignoram a existência. Falta de sorte dos paulistas, porque Jacyra já fez várias exposições no Rio, e esta em Campinas exige de nós que a estimamos e admiramos, um registro à altura. A pintura de Jacyra ainda dará o que falar.

O salão todo do banco apresentava-se enfeitado com os quadros de Jacyra. Enfeitado é bem o termo, porque, primeiramente, há muito de decorativo nessa pintura. Depois, porque tal decorativo destaca-se em algumas notas vivas de cor, que ressaltam, com seus motivos e maneirismos, uma variação de temas e enfoques, magistralmente tratados. Jacyra se entrega à pintura como uma primitiva, mas está longe, muito longe disso, a sua capacidade em dominar os seus motivos, sonhados ou imaginados, adrede escolhidos ou vindos ao acaso do desenho de que brotam, irresistivelmente. Só este advérbio dá bem idéia: irresistivelmente.

E deixemos de tentativas de abordagem: o São Francisco em êxtase, que encontramos à entrada, à direita, situa-se entre duas massas de azul, as águas e o céu. A figura não está ajoelhada ou reclinada, ou em posição de descanso qualquer; deteve-se a figura no meio do caminho, e dirigiu os olhos para o alto, hirta, parada, como que em suspensão perante a grandiosidade do que entrevê, do que é o magnetismo supremo da divindade invisível. Em torno, as florinhas poucas do chão, o caminho que leva para longe num decisivo risco brando, as árvores também poucas e floridas.

Mas esse apaixonado São Francisco não é um motivo repetido, embora haja outro São



Madona da Necopéia: tratamento bizantino

Francisco, que nada tem a ver com este, porque está envolvido em enquadramento carregado de motivos, um quadro antigo, trabalhado à antiga, com todos esses pequenos fatores condicionantes do sagrado, como o faria um pintor do Renascimento... Mas ainda não é toda Jacyra, porque em *Madona da Necopéia* trata-se de um tratamento bizantino, hierático, intensamente regular, uma cabeça de santa coroada de pedrarias e pérolas, com o menino Jesus apoiado na Curva do colar que desce dos ombros da figura, e os pingentes simétricos que caem dos lados são carregados de faíscas. Nos pequenos quadros que encerram o enredo de um incunábulo pode se ler a história da Santa em vários quadros rememorativos.

Mas a artista não se prende nessas místicas, nem nessas antiguidades evocadas: é-la que nos apresenta o quadro da Ponte Preta, e os campinheiros subitamente encontram, nessa simbólica ponte, uma referência ao quadro que quase impede os corintianos de festejar sua alegria. Uma ponte preta apenas sobre um regato em que nadam peixinhos, no alto uma alva pomba branca voa, outra ainda, e são imagens comovedoras de paz.